

Transcrição de vídeo

Bom eu sou Benilson Antônio Toniolo de Oliveira, Benilson Toniolo né, porque o nome é muito comprido, nasci em Santos em 1968, o ano que não terminou até hoje né, o ano do AI-5. Cheguei em Campos do Jordão pela primeira vez em 1994, para trabalhar no Hotel Mont Blanc, para ser chefe de recepção do Mont Blanc, foi uma experiência que durou muito pouco, fiquei só 3 meses, mas quando eu sai do hotel já namorava a minha mulher, já namorava a minha esposa Simone, aí voltei pra Santos, casamos 1 ano depois, e ainda dentro da Hotelaria, trabalhei no Nordeste né, em João Pessoa, trabalhei em São Paulo, e vim definitivamente para Campos em 1999. E sempre, mas sempre eu gostei muito da área da cultura né, eu sempre militei na área da literatura né, escrevendo, participando de eventos, participando de antologias, jornais, sempre escrevi na verdade, desde que me conheço por gente eu sempre escrevi, principalmente poesia né, que é a minha paixão, aí comecei a fazer parte do Conselho de Cultura, e em 2013 alias 2012, eu fui convidado pelo Fred pelo prefeito, ele tinha acabado de ganhar a primeira eleição, pra ser o Secretário de Cultura da cidade né, mas aí acabou acontecendo o que aconteceu, hoje lá se vão 9 anos dessa minha experiência né, dessa minha contribuição pra cultura da cidade e agora o Marcelo Padovan o prefeito, fez o convite pra gente continuar a frente da Secretaria de Valorização da Cultura, então tem uma caminhada aí, ao longo destes 9 anos.

Conhecendo Museu

Em 1994 eu comecei a namorar com Simone em setembro, não em novembro, setembro eu a conheci, novembro eu comecei a namorar com Simone, e ela, a gente não tinha carro eu nem dirigia na época, e a gente pegava os ônibus aí e ia andando pela, pela cidade né, e um dos passeios que ela me levou foi para o Museu. E eu lembro que assim como hoje não tinha ônibus, então a gente descia ali onde é o entroncamento com o Santa Cruz talvez, só que era por cima não era, e aí o resto daquele trajeto a gente fazia a pé, agora fazer o resto daquele trajeto a pé aos 26 anos de idade, namorando, apaixonado né, é uma coisa, com 30kg a menos é bem melhor né? E aí a minha relação com o museu naquele momento com todo aquele ambiente poético né, de natureza, toda essa inter relação que existe entre a cultura, a história e o meio ambiente, aquilo me arrebatou, pra mim hoje o, é o lugar mais, eu acho o lugar mais bonito daqui de Campos.

Natureza, arte e poesia

É um ambiente de criação permanente ali, não só pela presença das esculturas da Felícia, mas pela própria presença da natureza do patrimônio natural, então ali você tem uma mescla de patrimônio natural, de patrimônio histórico, isso tudo formando um patrimônio poético que é pra mim único né, eu adoro aquele lugar, eu já estive, as vezes eu pegava o carro aqui na Secretaria e ia lá pra dar uma caminhada para espairar, pra ficar um pouco ali entre as esculturas da Felícia, pra mim o Auditório e o Museu são ambientes de puro amor, e os dois ambientes acabam formando um ambiente só, você tem o ambiente externo do museu com as esculturas, mas ao mesmo tempo você tem um ambiente interno, a princípio austero clássico do Festival de Inverno, aquele peso né, daquela coisa erudita, clássica, estática, mas ao mesmo tempo aquela vida que se renova, a cada concerto, a cada espetáculo, a cada ensaio né, o silêncio né, a presença de um silêncio enorme, um silêncio ensurdecedor como dizia o poeta né, eu sou apaixonado por aquele lugar.

Auditório e suas riquezas

O Auditório é de 1979, mas eu aqui não quero fazer nenhuma reminiscência histórica, você pega o auditório, aquilo é um ambiente de vida infinita, de eternidade naquele lugar, porque a cada peça que é executada, a cada movimento que os músicos e que o regente fazem, é como se o compositor tivesse ali do nosso lado né, vivo, reinando, mostrando a sua obra a sua vida, é como se todos aqueles compositores estivessem presentes, desde Brahms até Gilberto Mendes talvez, o próprio Claudio Santoro né, que teve uma morte tão simbólica, morreu regendo uma orquestra em um ensaio em Brasília, né até o próprio Claudio Santoro, e não tem como entrar ali e não lembrar do Eleazar de Carvalho, por exemplo, cearensezinho né, que implantou o núcleo pedagógico do Festival, e você lembra e quando você visita as esculturas de Felícia, e você se lembra até de Cecília Meireles né, da trajetória de Cecília Meireles aquela mulher brasileira indo a Goa por exemplo, e ai você lembra a trajetória de Felícia saindo da Polônia né, no estertor da Segunda Guerra, do Holocausto, vindo pro Brasil, criando aqui, e deixando aqui a sua marca, deixando aqui o seu legado e tantos artistas que ainda existem aqui em Campos do Jordão que são marcados pela trajetória da Felícia, como é o caso do Tubarão, por exemplo, o Luiz Pereira Moisés e outros né, Silvia Strass, o próprio Camargo Freire. Então é o que u posso dizer desse ambiente maravilhoso, isso é um patrimônio da humanidade, isso não é um, e nós temos a fortuna de ter esse patrimônio no solo jordanense né, quer dizer, ele foi criado para um Festival de Inverno, mas ele se, ele acaba se misturando coma história e com a vida artística e poética da própria cidade, então eu, aquele é um ambiente indispensável pra alma jordanense eu acho, mais do que pra nossa cultura, porque aquilo ta intrincado na nossa gênese né, quem diria que uma cidade de tuberculosos, uma cidade feita para salvar vidas, porque foi isso, Campos do Jordão foi isso né, a nossa criação é essa, e de repente é uma cidade que tem no seu patrimônio um equipamento como esse que une história, arte, cultura, a poesia em todos os instantes né.

Confissão

Eu vou te fazer uma confissão, eu falava pra minha mulher quando a gente se conheceu, falava assim um dia eu quero ser guarda noturno do auditório e do museu. Porque imagina você o que a noite, no silêncio da noite o que que né, só você, os bichos, os pássaros, os insetos e as memórias né, e a poesia presente naquele lugar, olha eu queria ser guarda noturno, dois lugares que eu queria ser, do Museu Casa da Xilogravura e do Museu Felícia Leirner, porque aquilo é uma coisa infinita né. Então ta aí como uma reminiscência e uma confissão.

E assim é o que eu sinto, quando eu vejo, por exemplo, o maestro fazer o movimento é como se o compositor renascesse, como se ele já estivesse ali, ele ta ali, a obra dele ta ali, ele é a obra. E a obra ela só se estabelece e se define como tal quando ela encontra com o seu interlocutor, com o seu público, aí sim ela se define como, aí ela cumpre o seu papel de obra né, quando ela toca, enfim é isso, pra mim é um lugar privilegiado.

8 poemas para Felícia Leirner

E como você sabe, eu escrevo poemas né, e algumas vezes eu vou lá e rabisco algumas coisas, tenho vários poemas que eu escrevi, é teve um especial que eu escrevi 8 poemas só numa caminhada que eu acho que de 2 horas então eu gosto demais, são 8 poemas para a Felícia Leirner que ta em um livrinho que eu publiquei no ano passado chamado Madorna que é esse aqui, então é isso.

Eu vou ler então, são 8 poemas para Felícia Leirner, é um livro artesanal inclusive feita pelas Costelas Felinas, de uns amigos nossos lá de São Vicente a Cláudia Brino e o Vieira Vivo, e aí o livro vai falar também um pouco do que é o silêncio e o que é a presença das pessoas meio que imaculando aquele silêncio né, então vamos lá:

I – Eu passaria uma hora
Um minuto uma vida
Sobre as cruces de Felícia
Sob as árvores silentes
Deste imenso labirinto
De sol e calmaria.
Eu passaria a existir
Inexplicavelmente
Enquanto os pássaros dormem
E os insetos assoviam.
Eu tremeria de frio
Da solidão do granito
Da água empoçada nos bancos
O musgo sobre os tijolos.
Há vozes: gente chegando.
A passarada emudece.
É hora de andare via,
Retomar a caminhada.

II – Um São Francisco
De ferro e cimento, armado,
Com água a brilhar sobre os ombros
Orvalho nas cavidades
E em cujas reentrâncias
Habitam a noite e os pássaros.

III – Procuo um lugar mais ermo
Pra sossegar meus instintos
De civilidade.
Entre as garras de pinheiros
E a ilusão das azaleias,
Só os musgos me sabem.
Só os musgos me sabem.

IV – Digo ao Anjo:
Eis o menino que passa
Quase sem pressa.
Repara nele
E nos passos solenes
E preguiçosos.
O menino ainda não sabe
-Os meninos nunca sabem –
Que tudo o que há em volta

É Poesia.

V – Por entre as esculturas brancas
Turistas caminham e gargalham,
Moleques trepam no dorso
Das pedras ensimesmadas.
Ipads e celulares
Espocam brilhos de luz
Contra o sol do plenilúnio
E sobre o verde relvado.
Nada há que o mundo mude.
Nem deveria.

VI – Esta alameda que escalo,
Pergunto eu,
Já me viu?
Já viu meus olhos de carne
Querendo fotografar
A ave que não sou eu?
Esta alameda que subo,
Estes galhos que me espreitam,
Estas mãos em desalinho,
Estes ouvidos ressecados,
Erguem que escultura?
Finda o que peregrino,
E acelero o passo.
A julgar pela cor do vento,
Já já fecha o parque.

VII – Outono:
Há uma luz cor de terra
Na tez das folhas
E o crepúsculo
Silencia o amor dos ventos.

VIII – O sol incendeia a tarde
Uma alegria menina se apossa
Dos céus do mundo.

É isso, ta aqui.

Então é isso, o Auditório Claudio Santoro e o Museu Felícia Leirner, é um milagre da natureza humana sob a inspiração de Deus, que Campos do Jordão ganhou de presente. E que continue assim eternamente, pelo menos enquanto durarem os dias.